

Como é habitar Álvaro Siza no Porto, em Lisboa ou em Nova Iorque

Sérgio C. Andrade

Equipa do Iscte-IUL apresenta investigação sobre o que é viver em três casos de habitação colectiva

Por que razão o arquitecto Álvaro Siza foi chamado a projectar complexos de habitação colectiva no Bairro da Bouça, no Porto; nos Terraços de Bragança, em Lisboa; e no n.º 611 West 56th Street, em Nova Iorque? Porque é que os seus utentes os escolheram para morar, e como é que os habitam?

Estes foram os objectivos genéricos do trabalho de investigação intitulado *Habitação Colectiva de Álvaro Siza: projectos, contextos e vivências*, que uma equipa do Iscte-Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), liderada pela socióloga Sandra Marques Pereira, realizou ao longo dos últimos dois anos, com uma bolsa da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, e que agora vão ser apresentados publicamente. O primeiro momento decorre hoje (18h30) no Porto, com a apresentação de “um retrato actual” do Bairro da Bouça, no próprio complexo residencial que Siza projectou ainda nos anos 1970 e foi construído em dois momentos, entre meados dessa década – no âmbito do programa SAAL (Serviço de Apoio Ambulatório Local) – e o ano de 2006.

O segundo momento terá lugar nas instalações do Iscte-IUL, a 11 de Julho, numa conferência-jornada em que diferentes intervenientes irão mostrar os resultados da investigação, acompanhados por uma pequena exposição com documentação gráfica que ajudará a caracterizar os três casos em estudo.

O caso da Bouça

Tendo o foco mais virado para os processos e as pessoas neles envolvidas do que propriamente para a prática disciplinar da arquitectura, como realça ao PÚBLICO Sandra Marques Pereira, o trabalho da sua equipa incidiu sobre “três projectos que representam outros momentos diferenciados, quer da carreira de Álvaro Siza, quer do sector da habitação e do campo da arquitectura”.

A socióloga avança que, dos três casos estudados, o do Bairro da Bouça foi o que permitiu chegar mais longe nos objectivos pretendidos, daí a opção pela sessão que aí será realizada, antes da de Lisboa.

“Achámos que seria importante



Siza desenhou o Bairro da Bouça nos anos 1970

devolver os resultados às pessoas, que foram supergenerosas conosco, com uma abertura incrível, ao contrário do que aconteceu nos outros dois casos”, justifica. Enquanto, no bairro portuense, a sua equipa conseguiu recolher mais de 80% de respostas ao inquérito realizado, entrevistar dezena e meia de agregados e fazer mesmo um levantamento fotográfico das habitações, tanto

Trabalho realizado na Bouça permitiu até “ilustrar as transformações sociais mais contemporâneas da cidade do Porto”

em Lisboa como em Nova Iorque o acesso aos moradores foi dificultado.

É assim que o trabalho realizado na Bouça permitiu até “ilustrar as próprias transformações sociais mais contemporâneas da cidade do Porto”, na sequência da crise financeira na viragem para a segunda década do novo milénio como na crise actual da habitação, nota a socióloga.

O Bairro da Bouça é hoje habitado por parte da população original, acolhida na primeira banda de apartamentos em 1977. Com a segunda fase da cooperativa em 2006, verifica-se um aumento progressivo de residentes com formação de ensino superior; paralelamente, há um grande aumento de arrendamento, de habitantes sem relação familiar, mas também “uma muito maior rotatividade, uma grande renovação da população entre 2010 e 2023 com

várias pessoas com nacionalidade estrangeira”, descreve a socióloga.

A Bouça é verdadeiramente um caso de estudo, é “um sítio especialmente ilustrativo da mudança estrutural das vivências e contextos urbanos”, realça.

Siza “arquitecto-estrela”

Bem diferentes são os casos de Lisboa e de Nova Iorque. Os Terraços de Bragança, um condomínio fechado lançado em 1990, são um dos primeiros casos em que Siza trabalha no mercado privado. A socióloga diz que a sua equipa não conseguiu realizar lá o inquérito pretendido e teve também dificuldade em falar com os residentes.

“Para nós, era importante saber qual a motivação dos promotores para escolherem Álvaro Siza para o projecto”, lembra. A grande motivação foi “burocrático-pragmática”, ou seja, a presença do arquitecto que tinha sido a figura máxima da reabilitação do Chiado, após o incêndio de 1988, facilitou o próprio processo de licenciamento do complexo habitacional. “Mas isso não significa que o nome do arquitecto tenha sido o primeiro critério de escolha dos potenciais moradores, bem pelo contrário: a localização continuou a ser o factor determinante”, diz a socióloga.

Já em Nova Iorque, onde o acesso aos moradores foi ainda mais difícil, a equipa conseguiu, apesar de tudo, falar com os promotores. Percebeu, nesse mercado altamente competitivo, que o facto de Siza, prémio Pritzker em 1992, ser uma figura reconhecida mundialmente pelos seus pares – Sandra Marques Pereira recorda o título de uma notícia do *New York Times* sobre o projecto, em 2019: “Mais um arquitecto-estrela chega a Nova Iorque” – foi determinante para a escolha.

Ser um arquitecto-estrela foi marcante para a visibilidade e a comercialização da torre de habitação de 120 metros de altura no bairro de Hell’s Kitchen, mesmo se a singularidade do desenho que Siza fez para este edifício-escultura se limitou à sua face exterior, tendo os interiores sido atribuídos a gabinetes locais.

Mas estes serão dados a apresentar (e a debater) mais detalhadamente na conferência de 11 de Julho, no Iscte-IUL, em que, além das responsáveis pelo projecto, Sandra Marques Pereira e a arquitecta Alexandra Alegre, irão participar outros especialistas a abordar a relação da arquitectura com as ciências sociais e a economia.